

## O Estado de S. Paulo

10/6/1990

### TRABALHO

#### CUT quer transformar Ribeirão no "ABC rural"

*Central já comanda 35 sindicatos na região e lidera greve de bóias-frias*

GALENO AMORIM

RIBEIRÃO PRETO — Exatamente seis anos depois da revolta dos bóias-frias de Guariba, que resultou em uma morte, 68 feridos e uma onda de greves que se espalhou da região de Ribeirão Preto para o resto do Estado, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) consegue, finalmente, chegar ao campo. O poder da entidade, com 35 sindicatos de trabalhadores rurais, ainda é limitado. Mas essa estrutura, que nem poderia ser imaginada até pouco tempo atrás, faz os cutistas sonharem, agora, com um projeto bastante audacioso: transformar Ribeirão Preto em uma espécie de "ABC rural".

Os primeiros sinais da chegada da CUT — até então uma central eminentemente urbana — nos canaviais do território mais rico da agricultura paulista puderam ser notados na greve dos cortadores de cana que terminou na semana passada. Embora sem êxito, pela primeira vez desde o início dos movimentos de bóias-frias, em maio de 1984, os dirigentes e assessores da CUT tiveram participação decisiva na organização e dividiram com a Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado (Feraesp), recém-filiada à central, o comando da greve, que chegou a parar 50 mil trabalhadores em 23 municípios.

"Os rumos do sindicalismo brasileiro nos indicaram uma outra direção e, hoje, nós todos somos CUT", afirma o presidente da Feraesp, Élio Neves, um antigo adversário que, como dirigente da Fetaesp — a outra federação dos bóias-frias paulistas, mais moderada e ligada à CGT —, disputava o comando dos trabalhadores com os cutistas. Principal líder rural do Estado e ligado ao PCB, Neves manteve ásperas discussões com os dirigentes da central, impedidos de atuar no meio rural.

A situação só mudou com a vitória nos sindicatos de Barrinha, Pitangueiras e Bebedouro, mas a aproximação foi há um ano, quando Neves rompeu com a Fetaesp e fundou a nova federação com o apoio de alguns cutistas. O ingresso da corrente sindical classista na central atraiu sindicalistas ligados ao PC do B e parte do PSDB e PMDB, e fortaleceu o braço rural da central.

"A aglutinação de novas correntes do pensamento político enriqueceu o debate e acabou com aquela imagem de que a CUT é um braço sindical do PT", analisa Lafaiete Pereira Biet, coordenador do departamento rural da entidade em São Paulo. Ele prevê novo crescimento em pouco tempo. Até o final do ano, segundo Biet, a CUT rural terá 50 filiados e tentará dobrar esse número a médio prazo. A prioridade, assinala, é Ribeirão Preto, onde existem 200 mil bóias-frias.

"É um lugar onde o conflito da relação capital e trabalho é bem cristalino e onde pretendemos construir uma espécie de ABC rural", ressalta.

**(Página 10)**